

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES COM A COMUNIDADE ESCOLAR

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-308>

Data de submissão: 30/03/2025

Data de publicação: 30/04/2025

Paulo Roberto Serpa

Bolsista CAPES/PROSUC no Doutorado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

E-mail: pauloserparoberto@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5118531827150850>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3642-8848>

Verônica Gesser

Doutorada em Educação. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

E-mail: gesserv@univali.br

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0666108693463895>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2170-064X>

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Doutorada em Educação. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

E-mail: bruna_siqueiras@hotmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2387862154032685>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7305-5083>

RESUMO

O presente artigo discute a integração da Educação Ambiental na Educação Infantil, com ênfase nas relações estabelecidas entre a escola e a comunidade escolar. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que investiga a transição para espaços educadores sustentáveis na educação infantil. A presente pesquisa tem como objetivo discutir de que maneira a Educação Ambiental é desenvolvida nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e como a participação da comunidade escolar contribui para a transição da escola para um espaço educador sustentável. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, com base em entrevistas com diferentes categorias profissionais de uma escola de educação infantil definida após análise documental no software MAXQDA na realização de um diagnóstico de ambientalização. Como esta pesquisa realizou entrevistas com seres humanos, passou inicialmente pela aprovação do comitê de ética, sob o código 69685523.1.0000.0120, com data de aprovação em 28 de julho de 2023. Os resultados apontam para a importância da integração entre escola e comunidade na continuidade das ações e práticas desenvolvidas no âmbito escolar para a formação socioambiental das crianças.

Palavras-chave: Educação ambiental. Educação infantil. Comunidade escolar. Famílias. Participação.

1 INTRODUÇÃO

A crise ambiental que vivemos atualmente, expressa-se como resultado do modelo de desenvolvimento baseado na exploração excessiva dos recursos naturais, que tem demandado transformações profundas nas formas de pensar e agir da sociedade. Nesse contexto, a Educação Ambiental apresenta-se como uma proposta pedagógica e política essencial para a formação de sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a sustentabilidade (Jacobi, 2003). A escola, por sua vez, ocupa um lugar importante nesse processo, especialmente na Educação Infantil, etapa fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e para o despertar de uma consciência ecológica.

A infância é uma fase particularmente propícia à sensibilização ambiental, pois é nela que se constituem os vínculos afetivos com a natureza, as percepções sensoriais do mundo e os primeiros valores sociais. Assim, a Educação Ambiental na Educação Infantil deve ser incorporada de forma transversal, contínua e integrada ao cotidiano do fazer pedagógico (Torales, 2006). Nesse sentido, as práticas educativas voltadas ao meio ambiente devem ser significativas, lúdicas, exploratórias e baseadas na experiência concreta da criança com o seu entorno, valorizando o brincar como forma de conhecer, interagir e cuidar da natureza.

Um aspecto fundamental para o fortalecimento da Educação Ambiental na Educação Infantil é o envolvimento da comunidade escolar. A escola não atua de forma isolada, mas inserida em um território social, cultural e ambiental, onde as relações com famílias, vizinhos, e demais agentes sociais podem potencializar as práticas educativas e gerar um sentimento coletivo de pertencimento.

Diante disso, este trabalho propõe-se a discutir de que maneira a Educação Ambiental é desenvolvida nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e como a participação da comunidade escolar contribui para a transição da escola para um espaço educador sustentável.

2 METODOLOGIA

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga as possibilidades de transição para espaços educadores sustentáveis na Educação Infantil, com foco na integração da Educação Ambiental (EA). O delineamento metodológico adotado é de natureza qualitativa, por compreender que os fenômenos investigados são complexos e estão diretamente vinculados às experiências, percepções e práticas dos sujeitos envolvidos (Minayo, 2001).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa é adequada para estudar processos e relações humanas em seus ambientes naturais, valorizando a perspectiva dos participantes como forma legítima de produção de conhecimento.

O percurso metodológico iniciou-se com a análise documental dos projetos político-pedagógicos institucionais de diferentes unidades de Educação Infantil e da proposta curricular do município de Porto Belo/SC, visando identificar indícios de ambientalização. Essa etapa foi conduzida com o apoio do software de análise qualitativa MAXQDA, que possibilitou a organização, codificação e categorização dos dados de forma sistematizada, facilitando a identificação de indícios de ambientalização nos documentos. A utilização de softwares de análise qualitativa tem sido amplamente reconhecida como um recurso que amplia a consistência analítica e a rastreabilidade dos dados.

Após a seleção da unidade escolar com mais indícios de ambientalização, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 11 sujeitos de diferentes categorias profissionais da Educação Infantil, incluindo docentes, gestores e demais integrantes da equipe escolar. A seleção dos participantes ocorreu com o apoio da gestora da unidade, que articulou a indicação de profissionais dispostos a contribuir com a pesquisa. Além disso, foi entrevistada uma representante da Secretaria Municipal de Educação, indicada pela própria secretaria, a fim de trazer a perspectiva da gestão pública sobre a integração da EA no contexto das políticas municipais.

As entrevistas foram realizadas em três visitas à unidade escolar e uma visita à Secretaria de Educação, ocorridas nos meses de novembro e dezembro de 2023. Essa estratégia possibilitou a escuta atenta, respeitando as especificidades e os diferentes turnos de funcionamento da escola. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas à luz da Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposto por Moraes e Galiazzo (2016), a qual se apresenta como uma metodologia especialmente adequada à pesquisa qualitativa em educação. A ATD permite a construção de sentidos a partir da fragmentação e reconfiguração dos textos produzidos, possibilitando a emergência de categorias analíticas fundamentadas no discurso dos sujeitos.

No processo de análise, inicialmente foram geradas 39 categorias, que, após a revisão e recategorização dos dados, resultaram em seis categorias finais. Essas categorias revelaram-se transversalmente presentes nas três dimensões propostas pelos Espaços Educadores Sustentáveis (EES) - gestão, currículo e espaço físico - conforme Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Brasil, 2012a). A recategorização foi conduzida com o auxílio de ferramentas de busca textual (Ctrl+L) e revisão criteriosa dos fragmentos discursivos, permitindo identificar correlações entre unidades de sentido e assegurar maior precisão na interpretação dos dados.

A escolha pela escuta de diferentes categorias profissionais está alinhada à perspectiva de que a construção de um espaço educador sustentável depende da atuação coletiva e integrada de toda a comunidade escolar. A EA propõe o diálogo entre saberes, a transversalidade e a articulação entre os

sujeitos, superando práticas pontuais e fragmentadas. Nesse sentido, a metodologia adotada contempla diferentes vozes, pois as considera como constitutivas da análise e da construção das interpretações.

A integração entre escola e comunidade, emergente das análises como uma categoria emergente de análise, reafirmando a importância do envolvimento da coletividade na construção de práticas sustentáveis.

O Quadro 1 expressa a legenda dos termos utilizados na codificação e categorização das unidades de sentido das entrevistas:

QUADRO 1: Legenda de códigos utilizados na unitarização das entrevistas

R2PI BEATRIZ U1	R2G BEATRIZ U1	R21C BEATRIZ U1	R2EF BEATRIZ U1	CL BEATRIZ U1
R- Resposta; 2- Questão; PI- Perguntas iniciais; G- Gestão; C- Currículo; EF- Espaço físico; CL- Comentários livres; Beatriz- Nome do entrevistado; U- Unidade; 1- Número da unidade.				

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na sequência, é apresentado o metatexto sobre as relações com a comunidade escolar que emergiu das entrevistas, durante o processo da ATD. Este metatexto representa as interpretações realizadas a partir das principais ideias e significados extraídos das respostas das entrevistadas.

2.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO: RELAÇÕES COM A COMUNIDADE ESCOLAR

As relações com a comunidade escolar destacam a importância das conexões entre a escola, as famílias e os diversos atores da comunidade para a efetivação da Educação Ambiental (EA) na Educação Infantil. Essas relações são fundamentais para ampliar o impacto das práticas pedagógicas e consolidar a EA como um elemento integrador e transformador:

Pelas práticas pedagógicas, [...] o espaço formal pode se configurar como mecanismo em direção às alterações das práticas sociais, considerando que a transformação dos indivíduos só é possível ao passo que estes se tornem protagonistas. É no conjunto de sujeitos ativos – indivíduos transformados e transformadores – que uma nova sociedade se faz possível enquanto horizonte, resultando em soluções coletivas dos problemas que afetam a sociedade (Back, 2021, p. 44).

Dessa forma, a EA na Educação Infantil não deve ser um processo isolado dentro da escola, mas um movimento coletivo e participativo que envolve crianças, professores, famílias e comunidade. Como afirmam Krügel *et al.* (2019, p. 02): “A EA auxilia no entendimento das problemáticas ambientais, levando a população informação e formas alternativas de promover a sustentabilidade”. Somente por meio dessa articulação é possível promover mudanças concretas na sociedade.

Ressalta-se o papel da escola como um espaço de interação social que pode irradiar práticas e valores ambientais para além de seus muros. Pois “[a] EA possibilita a população uma ampliação do conhecimento das problemáticas ambientais para atitudes conscientes para com o meio ambiente levando a atitudes de respeito e colaboração para promover o cuidado ambiental” (Krügel *et al.*, 2019, p. 02). Essa interação permite que a escola funcione como um polo articulador de mudanças socioambientais, fortalecendo a consciência coletiva sobre questões ambientais.

Borges (2011) enfatiza que a escola deve ser coerente com os princípios que defende e tornar-se um modelo educativo para toda a comunidade escolar. Portanto, “[...] a escola deve ser a referência viva dos valores e saberes que se propõe a trabalhar e, assim, criar condições para que a relação ensino-aprendizagem de fato aconteça” (Borges, 2011, p, 14).

Brasil (2012b) complementa ao ressaltar que:

O mais importante é que o espaço físico ofereça múltiplas oportunidades para a escola demonstrar práticas de sustentabilidade que podem se tornar lições de vida para os estudantes: referências a serem utilizadas pelas famílias e comunidades como práticas incorporadas em seu cotidiano (Brasil, 2012b, p. 39).

A relação família-escola é outro aspecto presente. Quando essa relação é fortalecida, cria-se uma sinergia que potencializa os aprendizados da EA. Contudo, conforme destacado por Albuquerque e Zortéa (2018, p. 167-168):

A participação das Famílias se coloca como um desafio a prática educativa, que precisa ser planejada no cotidiano da escola, sendo necessário construir um espaço para conhecer de forma mais singular e pontual a pluralidade das logicas e culturas das famílias. E preciso oportunizar as famílias um espaço coletivo e democrático reconhecido, que tenha como princípio o diálogo, a escuta e a comunicação.

As parcerias revelam o estabelecimento de colaborações com outras instituições. Essas parcerias podem proporcionar recursos materiais, apoio técnico e formação, além de possibilitar a realização de projetos mais amplos, promovendo um intercâmbio de conhecimentos e práticas que enriquecem as experiências educativas.

Vale ressaltar que os projetos de trabalho necessitam, por sua vez, ter um significado para aqueles que os escolhem, do contrário, deparamo-nos com um projeto distorcido da realidade e curiosidade, e como resultado disso perdemos, nós, os professores, a chance de desenvolver propostas que ultrapassam o currículo e que demonstrem a grandeza e compaixão de abrirmos espaço de protagonismo e participação de cada um (Freitas; Imhoff, 2023, p. 80).

De forma geral, a construção de relações sólidas com a comunidade escolar amplia as possibilidades de atuação da EA, conectando os saberes escolares com as práticas sociais e criando uma rede que facilita a implementação das ações educativas.

A escola como instituição agregadora da comunidade escolar, pode exercer um importante papel na mobilização social, e os professores como elementos de referência institucional, potencialmente, são peças-chave na composição de cenários que favoreçam a articulação de respostas sociais às demandas socioambientais emergentes no contexto social (Torales, 2006, p. 59).

Beatriz revela que a comunidade tem importante papel nas práticas culturais no contexto da EA das crianças. Para ela, os bairros possuem características próprias, que refletem nos hábitos das famílias e na maneira como lidam com questões relacionadas à preservação ambiental.

R2EF BEATRIZ U1 – “Depende da comunidade, isso é muito relacionado com a questão cultural e cada bairro tem uma característica”.

R2EF BEATRIZ U2 – “[...] alguns bairros tu percebes que o pai pega a crença e a criança pega o papel de bala, joga o papel de bala ali no chão pelo caminho, enquanto outros, tu percebes, se um pai percebe um lixo que estava ali, ele já coloca na lixeira”.

Beatriz traz à tona o papel histórico e social da infância e como a cultura de cada comunidade influencia a forma como as crianças se relacionam com o mundo natural. Kramer (1999) enfatiza a ideia de que as crianças têm uma história própria e são moldadas pelos contextos em que vivem, seja no espaço familiar, social ou geográfico.

As formas das diversas comunidades conviverem com o mundo natural estão intimamente vinculados aos seus processos históricos e culturais, aos valores sustentadores do seu existir. Assim, a infância, enquanto construção social e histórica, é concebida e tratada com base na cultura de cada época e de cada povo (Lima, 2015, p. 42).

Souza (2017) destaca que a escola não deve ser vista como um espaço isolado, desvinculado do contexto social, ambiental e cultural que a cerca. Ao contrário, ela deve estar atenta às questões do entorno, à comunidade em que está inserida e aos problemas que afetam diretamente a vida das crianças. Ao trazer a questão ambiental para dentro do espaço escolar, torna-se possível refletir sobre as condições do próprio ambiente e a relação das crianças com esse espaço.

Bianchi (2016) corrobora ao refletir que o espaço educacional pode ser projetado de maneira a sensibilizar as crianças para o mundo natural, incentivando um compromisso com a sustentabilidade, ressignificando a cultura local.

Já sobre a relação família-escola, a análise das unidades de sentido extraídas das entrevistas demonstra percepções variadas sobre o envolvimento das famílias com as práticas escolares, especialmente no contexto da Educação Ambiental e da colaboração no ambiente educacional. Os pais frequentemente contribuem com recursos ou mão de obra para melhorar a infraestrutura escolar.

R2EF CARLA U5 – “Agora, ainda a gente ganhou de doação de um pai, pra APP, um toldo lá atrás que a gente precisava”.

R2EF ELOAH U4 – “Ó, o nosso toldo lá do outro lado, foi um pai de uma aluna que fez. Ele veio, ele fez, ele fez o toldo, ele arrumou o toldo, ele veio, parafusou, pregou, porque no dia de sol e dia de chuva, as crianças usavam o outro, portão não tem, e aí, ele achou aquilo que era um pecado os profissionais ficarem lá no portão de sombrinha dia de sol e de chuva se encolhendo na beiradinha do telhado, ele foi lá e fez, então os pais aqui são maravilhosos, eles zelam mesmo pelas coisas da escola”.

R2EF CRISTAL U3 – “Olha, é... eu observei o cuidado de um pai essa semana, que eu achei bem bacana, que foi doado um toldo ali pra fora, porque a saída dos Prés ali eles ficavam [...] do lado das salas porque não tem toldo, era só uma meia aguazinha assim, então eles ficavam ali ou então eles tinham que ficar dentro do refeitório esperando os pais porque estava chovendo. Daí, então, um pai doou o toldo, foi colocado ali onde eles vão poder ficar aonde os pais chegam pra pegar, né”.

R2EF FERNANDA U3 – “[...] o pai viu que lá não tinha a mesma cobertura que aqui. Um pai veio e fez a cobertura pra nós. Nos doou, pra que a gente não ficasse no sol. Isso que a gente estava solicitando isso pra Educação, mas ele viu e ele tem uma empresa que trabalha com isso, então, sabe... os pais olham muito, porque eles veem o retorno que aquilo é cuidado, que aquilo é bom”.

R2EF ELOAH U3 – “E os pais ajudam muito, porque são bem participativos aqui, tudo que tu solicitar, tudo que tu pedir auxílio, eles estão prontos pra te auxiliar”.

Há esforços para envolver as famílias em eventos que celebram o trabalho das crianças, pois promovem uma maior conexão e visibilidade do que ocorre na escola.

R3G ROBERTA U1 – “Sim, através das reuniões, né, através dessas feiras que traz os pais para escola, que mais... é... quando tem a festa da família, isso também é um estímulo para os pais estarem vindo, participando da vida dos seus filhos”.

R1G CRISTAL U2 – “Os projetos que elas fazem, onde tem... Ah, várias coisas que eles fazem, que eles usam. Coisas descartáveis, plantações, tudo é mostrado ali pra família”.

R1G CARLA U2 – “E assim, o momento que a gente tem oportunidade de pedir a ajuda dos pais é exatamente assim. Por exemplo, agora fizeram o Outubro Amarelo? Outubro Amarelo! As meninas pediram plantinhas amarelas e fizeram um canteiro de plantas amarelas. Então, é nessas questões, assim, que tem a colaboração dos pais, né?”.

R1G CRISTAL U1 – “Então, elas fazem, tem uma amostra que elas fazem da fama, chamado Dia da Família na escola, né. Que os pais vêm e eles fazem tipo uma exposição ali, todos os trabalhinhos que é feito com as crianças, né? Então, tem sala de aula, tem no externo, e aí são apresentados ali para os pais, né”.

R2EF CRISTAL U4 – “E tem também a doação de roupas. É colocada ali fora uma caixa, os pais trazem, né, roupa para doação e colocado ali também quem passa. Coloca todos os dias de manhã na porta, né, é colocado ali fora. Tanto as pessoas... os pais que precisam, podem pegar e também quem tem pra doar também é colocado ali também, entendeu? Então, tem essa participação deles assim”.

R5EF CRISTAL U2 – “Até tem esses momentos que elas vêm com as crianças com frutas, que as vezes, aí, elas pedem para os pais as frutas também, eu acho que pedem, porque vem bastante frutas. E aí, eles, né, elas levam pra fora pra fazer essa coisa e tal, e é mais ou menos isso”.

Algumas famílias demonstraram interesse ativo em ajudar, questionando as necessidades do Núcleo de Desenvolvimento Infantil e apreciando o ambiente que encontram.

R2EF CARLA U2 – “Os pais, [...] aqui eles são bem participativos, né. Eles são bem, eles colaboram bastante ,e às vezes, questionam se está precisando de alguma coisa, né”.

R2EF CARLA U4 – “Mas assim, eles estão sempre questionando se está precisando de alguma coisa”.

R2EF FERNANDA U4 – “Quando eles vêm em reuniões, quando a gente abre as portas para recebê-los em comemorações, em festas, em reuniões, a gente abre para visitação em sala, que ele também veio ver a sala que o filho dele está. Já que ele não tem esse contato, eles ficam... eles gostam muito do que veem, eles gostam muito do que veem do cuidado com a escola”.

Contudo, ainda há desafios no fortalecimento do vínculo. A limitação de acesso físico das famílias às escolas, iniciada durante a pandemia, afetou o vínculo, o que se expressa em uma participação aquém do esperado.

R2EF ELOAH U1 – “[...] eu vou dar minha opinião e dizer pra ti que, depois da pandemia, nossa escola não voltou mais com os pais entrando dentro da escola, né. Nossa escola ainda recebe e entrega no portão, vou dizer pra ti que continue assim. Por que, limpeza, organização e higiene, porque tu pensa 200 pais entrando e saindo, o tempo inteiro dentro da escola e a criança andando aquilo ali, é sujeira, é verme, é bactéria, e os pais estando por mais que eles cuidem que eles que bata o pé, sei lá o que, acaba não ajudando, né, não limpa assim, não... e vou dizer pra ti que foi a melhor opção da escola, a gente continuar recebendo no portão”.

R2EF FERNANDA U2 – “[...] este ano, a gente optou em abrir dois portões. Antes, os alunos entravam todos aqui. Os pais não entram na nossa escola desde a pandemia. A gente optou porque é muito mais crianças circulando... muito mais pessoas circulando aqui dentro, a gente fez essa opção e a secretaria nos apoiou, então os pais deixam ali e a gente carrega as crianças pra sala”.

R2EF CARLA U6 – “Mas como eles não conseguem entrar no espaço, eles não conseguem observar assim o que precisa ser mudado assim, né”.

R1G FERNANDA U3 – “Os pais foram um pouco... não frequentaram tanto as atividades como poderiam ser feitos [...]”.

R2EF ELOAH U2 – “[...] a gente sente falta do contato com o pai, porque quem recebe no portão são os profissionais da secretaria e os profissionais volantes que fazem esse é que tem essa função”.

R1G CECÍLIA U3 – “[...] essa troca com os pais, acredito que ainda não acontece”.

Ainda assim, projetos de Educação Ambiental, como hortas, plantações e o uso de materiais recicláveis, têm se mostrado eficazes para promover a interação entre famílias e escolas, despertando o interesse em práticas sustentáveis.

R1G ELOAH U3 – “Eu fiz esse ano a lembrancinha da exposição. Foi um saquinho com sementinhas de girassol. Eles ficavam mandando quando já estava nascendo a sementinha [...]”.

R1G ELOAH U4 – “[...] eu li o livro lá do morango, esqueci o nome do livro do morango... esqueci. E eu dei mudinhas de morango, também levaram, eles cuidaram, eles são bem participativos os pais aqui”.

R1G ELOAH U5 – “Basicamente seria isso, assim, a participação deles, envolvimento dos pais na prática pedagógica”.

R2EF ROBERTA U1 – “Sim, eles têm uma consciência boa até. Muito bom. Eles não fumam, não jogam papel na frente da escola. Isso eu percebo também. O cuidado, né? Você vê que a escola não tem pichação. Deixa eu ver o que mais... Os pais, eles são bem conscientes, assim”.

Lima (2015) aborda a importância de um trabalho coletivo que contribua para a construção de uma educação mais humanizada e integrada, em que a participação ativa de todos os envolvidos fortaleça a aprendizagem e o bem-estar das crianças.

Louv (2016) destaca a importância de ações concretas em diversos contextos, ou seja, não só na escola, mas também na vida familiar, como nas propostas de Eloah. Ainda assim o autor indica que:

Na vida familiar e nas escolas e em todos os ambientes em que vivemos, podemos fazer muita coisa - agora mesmo - para estimular o reencontro entre a natureza e as crianças. Mas, no longo prazo, a menos que mudemos padrões culturais e o ambiente construído, o distanciamento da natureza continuará a se ampliar (Louv, 2016, p. 297).

Carla e Luara abordam a relação família-escola com um foco na necessidade de ampliação do espaço para colaboração e no reconhecimento das contribuições que a vivência familiar pode oferecer para o contexto escolar.

R1G CARLA U4 – “Na verdade, nós não damos muito espaço, eu acredito que tem que, né, agregar mais, tanto na educação ambiental, quanto em todos os outros aspectos, assim, né”.

R7C LUARA U3 – “Mas eu acho que tem que se ampliar o debate, a proposta, a intenção, porque a criança, ela tá ali, ela tem muito, ela traz uma bagagem de casa, né? Então, tu conhecer um pouco mais desta realidade familiar, ter mais vivência com a família, é um processo difícil, é demorado, só que tem que ter vontade, né...vontade, motivação e gostar do que faz”.

Albuquerque e Zortéa (2018) sublinham a importância de um vínculo estreito entre os profissionais da educação e as famílias das crianças atendidas nas escolas. A relação entre escola e família deve ser uma parceria ativa, pois ambos os contextos são fundamentais para o processo de aprendizagem e para a formação de valores e atitudes das crianças. Entendemos que a educação não acontece isoladamente e, ao trabalhar em conjunto com as famílias, a escola amplia as possibilidades de construção de um aprendizado significativo, ajustando-se às realidades e particularidades de cada criança.

Ainda assim, as contribuições dos pais são pontuais, sendo que a falta de acesso ao ambiente escolar pode proporcionar a baixa frequência em atividades. Essa análise revela o potencial da relação família-escola para enriquecer as experiências educacionais e fortalecer as práticas pedagógicas.

As entrevistadas também abordam as parcerias e colaboração entre diferentes entidades e o NDI nas práticas educacionais para o desenvolvimento de projetos, especialmente na área de Educação Ambiental. As iniciativas de parcerias mostram a valorização da articulação do NDI com instituições locais promovendo a EA.

R4G FERNANDA U1 – “A gente tem muito apoio da Prefeitura, do pessoal do horto, que mandou mudas, a FAMAP mandou mudas pra gente pra levar pra casa, pra plantarem cada um à sua árvore. Sempre, cada um ia ter a sua árvore, tipo, em casa. Que eu planei a minha árvore. Então, a gente teve muito apoio”.

R4PI CARLA U3 – “[...] pedimos para o... não foi para... para o horto, eles mandaram terra, a gente conseguiu mudas, fizemos plantação em vasinhos para depois replantar [...]”.

R4G PÉROLA U1 – “A gente tem bastante ajuda, né, Da Secretaria da Agricultura, né? Eles vêm, trazem material para a gente trabalhar com as crianças e aí é trabalhado. Bem boa”.

R4G BEATRIZ U2 – “A gente tem parceria com outras secretarias, como a Secretaria de Agricultura, então, a todo momento que elas entrem em contato, elas conseguem”.

R4G BEATRIZ U3 – “E também têm escolas que tem parceria com as fundações...associação de bairro”.

R4G BEATRIZ U4 – “Inclusive, nós temos uma creche no município que ela tem uma horta toda financiada pela associação de bairro”.

Silva e Silveira (2016) destacam que a transformação no ambiente escolar não ocorre apenas a partir de ações isoladas, mas por meio da mobilização da comunidade. Isso implica em buscar parcerias externas, estabelecendo uma rede de apoio que possa fortalecer as ações.

As parcerias estabelecidas entre as escolas e diferentes entidades públicas e comunitárias desempenham um papel essencial no fortalecimento das práticas pedagógicas, especialmente, em projetos voltados à Educação Ambiental. As unidades de sentido apresentadas demonstram que essas colaborações não apenas fornecem suporte material e técnico, mas também criam uma rede de interação entre a escola, a comunidade e os órgãos institucionais.

Louv (2016, p. 237) ainda indica mais algumas possibilidades quando orienta que,

[a]s escolas poderiam construir vínculos mais fortes e mais significativos com associações de agricultura, centros de natureza, organizações ambientais e refúgios de aves, em vez de usá-los para visitas pontuais. Em vez de esperar por uma virada no orçamento da escola, essas organizações poderiam se unir para contratar educadores ambientais para trabalhar nas salas de aula, organizar atividades com os pais, professores e alunos e ajudar os professores a aprenderem integrar ao currículo básico o território da escola, parques, florestas, campos ou cânions próximos. Em última instância, esses esforços levam a uma educação mais eficaz (Louv, 2016, p. 237).

Portanto, a análise das relações com a comunidade escolar, no contexto da EA, evidencia a relevância das conexões entre a escola, as famílias e as instituições locais como eixo articulador de práticas educativas transformadoras. Essas interações possibilitam a disseminação de valores socioambientais e a consolidação de projetos.

Por fim, com análise das entrevistas surgiram muitos pontos importantes que foram discutidos, como a existência de ações socioambientais isoladas; o trabalho com projetos atuando numa perspectiva interdisciplinar e como uma possibilidade de conectar ações; a necessidade do envolvimento da comunidade escolar; a carência de formação continuada para todas as categorias profissionais; e a falta de espaços naturais mais amplos nas escolas de Educação Infantil.

3 CONSIDERAÇÕES

A presente investigação, como recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, possibilitou uma reflexão sobre a Educação Ambiental (EA) na Educação Infantil, especialmente no que tange às relações estabelecidas com a comunidade escolar. As entrevistas semiestruturadas realizadas com diversos sujeitos profissionais da educação infantil revelaram a complexidade, os desafios e as potências existentes na consolidação de uma educação ambiental integrada desde os primeiros anos da educação escolarização.

A análise das entrevistas, evidenciou que as práticas de Educação Ambiental nas escolas infantis ainda se manifestam de forma pontual e, muitas vezes, desarticuladas entre si. Contudo, também revelaram a existência de movimentos significativos, especialmente quando a escola se propõe a atuar em rede com a comunidade escolar e com instituições parceiras.

As relações com a comunidade escolar, destacada nesta produção, destaca-se como eixo articulador de processos educativos transformadores. As falas das entrevistadas evidenciaram que, quando há aproximação entre escola, famílias e comunidade, há também um fortalecimento das ações pedagógicas voltadas à sustentabilidade. Tais relações ampliam o alcance das propostas educativas e conferem sentido às ações ambientais desenvolvidas com as crianças, ancorando-as em experiências reais e compartilhadas.

Entretanto, os dados também revelaram importantes fragilidades estruturais e formativas. Foram recorrentes as menções à falta de espaços naturais amplos na unidade de Educação Infantil investigada, à ausência de uma política de formação continuada voltada à EA e à dificuldade de envolvimento efetivo das famílias em projetos e ações escolares. A análise revelou, ainda, que o trabalho por projetos é uma alternativa potente para integrar as temáticas ambientais ao currículo da Educação Infantil, superando a fragmentação do conhecimento e promovendo a construção coletiva de saberes e participação da comunidade escolar.

Conclui-se, portanto, que a Educação Ambiental na Educação Infantil precisa ser concebida como um movimento coletivo, que vai além dos limites da sala de aula e envolve todos os sujeitos da comunidade escolar em processos de escuta, diálogo e ressignificação. Para isso, é importante o

fortalecimento das relações entre escola, famílias e comunidade, bem como o compromisso institucional com a formação de professores e com o desenvolvimento de ambientes escolares que refletem e promovam os princípios da educação ambiental.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Simone Santos de; ZORTÉA, Ana Maira. Educação Infantil: por que te quero? Compartilhando os significados entre escolas, bebês e suas famílias. In: MORO, Catarina; SOUZA, Gizele de (Orgs.). **Educação Infantil [recurso eletrônico]**: construção de sentidos e formação. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2018. pp. 155-172. Disponível em: https://www.ufrgs.br/einaroda/wp-content/uploads/2016/08/Final_Ebook_EducacaoInfantil_construcaodesentidoseformacao.pdf. Acesso em 16 fev. 2025.

BACK, Gilmara Cristine. **Educação ambiental na Educação Infantil**: percursos, processos e práticas evidenciadas em centros municipais de Educação Infantil. 2021. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1858>. Acesso em 29 set. 2024.

BIANCHI, Camila Santos Tolosa. **Programa nacional escolas sustentáveis**: o fluxo de uma ideia no campo das políticas públicas de educação ambiental. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22696/2/2016_CamilaSantosTolosaBianchi.pdf. Acesso em 20 set. 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, Carla. O que são espaços educadores sustentáveis. In: **Espaços educadores sustentáveis**. Salto para o Futuro. Ano XXI Boletim 07 – junho 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/392442281/SALTO-Bol-07-Espacos-Educadores-Sustentaveis>. Acesso em 18 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. 2012a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em 06 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Ministério do Meio Ambiente. **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis**: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais. Tereza Moreira (elaboradora). Brasília: A Secretaria, 2012b. Disponível em: <http://www.seduc.go.gov.br/documents/nucleomeioambiente/material2013/caderno.pdf>. Acesso em 30 mar. 2024.

FREITAS, Letícia Klimick de; IMHOFF, Ana Lúcia. Considerações sobre a experimentação na educação básica: ponderações a partir da pedagogia de projetos. In: FERRARO, José Luís; GALLON, Mônica da Silva; HECK, Gabriela Sehnem; PICOLI, Gabriela dos Santos; OLIVEIRA, Guilherme M. V. S. (Orgs.). **Conexões Universidade-escola**: Múltiplos agenciamentos da pesquisa em educação [recurso eletrônico]. Curitiba: Appris, 2023.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, jul. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 de abr. de 2025.

KRAMER, Sônia. O papel social da Educação Infantil. In: SOBRENOME, Autor. **Revista Textos do Brasil.** Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000082.pdf>. Acesso em 17 mai. 2018.

KRÜGEL, Djiane Francine; BENEDETTI, Ana Caroline Paim; HILLIG, Clayton; ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso de; MACHADO, Paulo Romeu Moreira. A educação ambiental através da reutilização do óleo de cozinha na Educação Infantil. **Revista Monografias Ambientais.** Santa Maria, v.18, n. 3, pp. 01-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/37341>. Acesso em 26 out. 2024.

LIMA, Izenildes Bernardina de. **A criança e a natureza:** experiências educativas nas áreas verdes como caminhos humanizadores. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/214>. Acesso em 23 jan. 2024.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit da natureza. Tradução: Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva.** Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

SILVA, Lílian Ferreira Gomes da; SILVEIRA, Alexandre. Implantação de espaços educadores sustentáveis: estudo de caso em escola pública. **Revista Monografias Ambientais – REMOA**, v. 15, n.1, pp. 288-301, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/19488>. Acesso em 26 out. 2024.

SOUZA, Mônica Diniz de. **Espaços/ambientes de infância e as práticas pedagógicas em educação ambiental.** 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52215?show=full>. Acesso em 25 set. 2024.

TORALES, Marília Andrade. **A práxis da educação ambiental como processo de decisão pedagógica:** um estudo biográfico com professoras de Educação Infantil na Galiza (Espanha) e no Rio Grande Do Sul (Brasil). 2006. 566 f. Tese (Doutorado Interuniversitário em Educação Ambiental) - Faculdade de Ciências da Educação, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2006. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/9496/b20101545.pdf;jsessionid=7BD07BBFB8D9DC7EA7E4D90D3CFDA2EC?sequence=1>. Acesso em 23 set. 2024.